

Mário Covas: um republicano

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 07.03.01

Ele foi um social- democrata que se indignava com a injustiça e um liberal pronto para defender a liberdade

Mais um grande político nos deixa. Em 1999, foi Montoro; agora é Mário Covas. Montoro foi meu mestre na política; Mário Covas, meu companheiro um pouco mais velho. Ambos foram deputados, senadores e governadores de São Paulo. Montoro foi o principal líder da campanha das Diretas-Já e deveria ter sido o primeiro presidente do Brasil redemocratizado; Covas só não foi eleito presidente em 1989 porque as esquerdas se dividiram em 1980. Mas, mesmo sem terem sido presidentes, o que fizeram pelo Brasil os deixará definitivamente na história do país.

Conheci Mário Covas quando ele ainda estava com os direitos cassados pelos militares, mas preparava-se para voltar à política. Era um engenheiro e, naquele momento, trabalhava na profissão. Mas não tinha dúvidas: sempre apoiado por Lila, sua vocação era a política.

Mas que tipo de política? Covas foi um desses políticos que nos fazem compreender por que os gregos entendiam a política como a mais nobre das profissões: a que cuida do bem público, dos interesses maiores da sociedade. Nunca tive outra visão da política, mas, com Covas e em Montoro, pude confirmá-la.

Poucos conseguem conferir essa nobreza ao trabalho político. Geralmente os políticos são vistos como espertos ou corruptos -segundo essa visão pessimista, eles apenas buscariam a reeleição ou o enriquecimento. Fariam permutas entre esses objetivos -os melhores deles priorizando a reeleição. Ora, essa teoria é falsa. Existem também os políticos cujas permutas se fazem entre reeleição e/ou defesa do interesse público. Para esses, a corrupção, ficar rico com a política, é impensável.

Mário Covas era de uma integridade absoluta. Buscava ser eleito e manter-se popular, mas, quando esses objetivos eram contraditórios com o interesse público, não tinha dúvidas quanto a qual escolher. Como verdadeiro estadista, ele tinha a visão do futuro, a coragem de arriscar a reeleição para ser fiel às suas convicções e a prudência de pensar duas vezes nas decisões. Jamais foi um radical, não apenas por ser prudente, também por ser modesto e firme.

Não se deixou dominar por uma das duas emoções que mais prejudicam os políticos: arrogância e medo. Combatia a arrogância com a modéstia; o medo, com a coragem de colocar o interesse público como critério principal de ação.

Mário sabia que a política é a arte do compromisso; sabia que, sem acordo e concessões mútuas, é impossível alcançar as maiorias eleitorais ou parlamentares para governar.

Mas sabia também, com clareza, qual era o limite do compromisso, até que ponto podia ir sem colocar em risco as suas convicções.

Mário Covas foi sempre um político de esquerda. Por isso foi cassado. Mas adotou uma política de centro-esquerda, social-democrata. Sabia que o desafio maior era governar o capitalismo com mais competência e mais justiça do que os próprios capitalistas. Procurou fazer isso sempre que chegou ao poder.

Ele foi um grande prefeito de São Paulo, nos anos 80, e governou o Estado por pouco mais de seis anos com uma competência insuperável. Recebeu um Estado quebrado e desmoralizado. Deixou um Estado saneado e atuante, com contribuições decisivas à educação, à saúde, à cultura, à administração eletrônica e aos transportes.

Esses resultados foram logrados porque ele não era só um líder político com idéias e valores. Era também um gerente, que administrava o Estado e suas finanças com a competência de quem sabia todos os números, conhecia todos os responsáveis diretos e indiretos pelos resultados a serem alcançados e cobrava a realização dos resultados com a mesma firmeza com que incentivava os responsáveis.

Como todo grande político, era um grande orador. Mas não falava por falar, pelo brilho da oratória. Tinha sempre uma mensagem clara e precisa, na qual as suas metas e os valores básicos que o orientavam estavam bem definidos. É um papel fundamental dos grandes políticos sintetizar os valores da sociedade e estabelecer as metas a alcançar.

Uma das áreas em que Mário foi mais bem-sucedido em seu governo, além da área financeira, foi a cultural. Sua obra aí, principalmente a construção da Sala São Paulo, na antiga estação Júlio Prestes, e a constituição de uma orquestra sinfônica de padrão internacional, foi impressionante. A reforma da Pinacoteca do Estado foi outra bela herança.

Mário Covas foi um social-democrata que se indignava com a injustiça e um liberal pronto para defender a liberdade. Mas foi, mais do que qualquer outra coisa, um republicano, um político dotado de virtudes republicanas.

Em um mundo que, por um lado fica cada vez mais individualista e egoísta, mas, por outro, valoriza cada vez mais a cidadania participativa e responsável, para Mário, como para Montoro, cidadania não significava só um conjunto de direitos, mas, principalmente, de obrigações republicanas.

Os dois estavam nos dizendo, com isso, que a liberdade, a justiça e o desenvolvimento não se alcançam apenas deixando as instituições e os mercados atuarem. São necessárias, adicionalmente, a participação ativa de cada cidadão e a responsabilidade e a visão de seus líderes políticos. As instituições só existem, afinal, porque foram criadas por homens e mulheres com espírito público. E só funcionam se forem por eles legitimadas e implementadas.

Luiz Carlos Bresser Pereira, 66, é professor titular de economia da FGV-SP. Foi ministro da Ciência e Tecnologia e da Administração Federal e Reforma do Estado (governo FHC), além de ministro da Fazenda (governo José Sarney).